

X ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIÊNCIA POLÍTICA

Ensino e pesquisa em Ciência Política e Relações Internacionais

Dinâmicas de internacionalização de carreiras dos docentes vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Ciência Política no Brasil

Rafael Machado Madeira (PUCRS)¹
rafaelmachadomadeira@gmail.com
rafael.madeira@pucrs.br

Belo Horizonte, MG

30 de agosto a 02 de setembro de 2016

¹ Pesquisador e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e membro do Centro Brasileiro de Pesquisas em Democracia da Pucrs. Bolsista da Capes (Proc. n. 7304/14-5).

Dinâmicas de internacionalização de carreiras dos docentes vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Ciência Política no Brasil

Rafael Machado Madeira

A internacionalização constitui-se em um dos principais desafios para a academia na atualidade. O objetivo deste trabalho é analisar as estratégias de internacionalização de carreiras acadêmicas dos docentes vinculados aos Programas de Pós-Graduação em Ciência Política no Brasil. Aqui, a internacionalização será mensurada a partir do exame de duas dimensões: publicações e formação acadêmica dos cientistas políticos brasileiros no exterior. Os dados utilizados como referência de socialização acadêmica são as instituições de origem (universidades de graduação, mestrado, doutorado e de estágio no exterior), e vínculo institucional atual (PPG ao qual cada pesquisador está vinculado). Os dados analisados são unicamente quantitativos e provêm de banco de dados (programa SPSS) construído com dados de carreira acadêmica de todos os docentes que estavam vinculados aos PPGs de Ciência Política no ano de 2015, configurando um total de 233 docentes. Foram identificados 419 artigos publicados no exterior, distribuídos entre 121 docentes. No que tange à formação, 84 docentes realizaram doutorado (pleno ou estágio) no exterior e 94 realizaram pós-doutorado no exterior.

Palavras chave: Carreiras acadêmicas; Internacionalização;

1. Introdução

O objetivo deste artigo é simples: apresentar e problematizar algumas características de dois dos processos fundamentais na análise da constituição e desenvolvimento da ciência política enquanto disciplina no Brasil: o recrutamento docente e o grau de internacionalização de suas respectivas carreiras acadêmicas. A presente análise privilegiará, portanto, a apresentação e discussão de dados empíricos a respeito destes dois aspectos das carreiras acadêmicas dos docentes vinculados aos programas de pós-graduação em ciência política no Brasil. Quem formou os nossos docentes? Qual foi o peso dos programas centrais na formação dos docentes vinculados aos inúmeros programas de formação mais recente? A expansão tardia dos cursos de doutorado em ciência política no Brasil (Marenco, 2014 e Madeira e Marenco, 2016) se reflete em uma alta taxa de doutores com doutorado pleno no exterior? Ou com doutorado no Brasil, mas em disciplinas afins? Qual é o grau de endogenia no recrutamento docente na ciência política brasileira? Ela difere quando se analisam programas centrais e de formação mais recente?

2. Formação e recrutamento docente nos PPGs de ciência política

Dimensão fundamental na análise do recrutamento docente diz respeito ao local/instituição de origem dos futuros docentes. Destarte, nesta primeira aproximação aos dados, busco localizar a formação/socialização acadêmica (mestrado e doutorado) dos docentes aqui examinados. Tal análise permitirá: 1) examinar o peso dos docentes com doutorado pleno no exterior em relação aos docentes com formação nacional; 2) identificar o peso dos principais países dentre docentes com doutorado pleno no exterior; 3) mensurar o peso de cada universidade brasileira na formação dos quadros do conjunto dos programas de ciência política.

Tabela 1 – O peso de cada instituição na formação dos docentes

PPG	Mestrado	Doutorado
Unicamp	29	29
USP	27	54
UFRGS	22	12
Iuperj/lesp	21	30
UnB	19	10
UFMG	16	13
UFPE	14	6
UFPR	5	1
UFSCar	5	4
Outros/nacional	36	18
EUA	8	20
França	6	12
Inglaterra	2	9
Outros/internacional	8	13
Não consta	15	2
Total	233	233

Fonte: elaboração própria

No que tange à universidade em que docentes realizaram mestrado, identifica-se um peso bastante uniforme dos programas mais antigos da disciplina: USP, UFRGS e Iesp. O destaque aqui é para o número de mestres formados na Unicamp, universidade com maior peso na formação de mestres. UFMG, UFPE e UFPR constituem grupo intermediário, com cerca de 15 mestres cada universidade. O alto número de docentes com mestrado em outras instituições aliado à frequência significativa de docentes com mestrado/doutorado em outros PPGs que não os de ciência política indicam significativa heterogeneidade na formação dos quadros vinculados atualmente aos programas aqui examinados. Para se ter uma ideia, 10 dos 29 docentes com mestrado na Unicamp o fizeram em outros PPGs. Tal número é de 8 na USP e 6 na UFRGS. Tal fenômeno se repete (com graus variados de intensidade) também nas demais instituições.

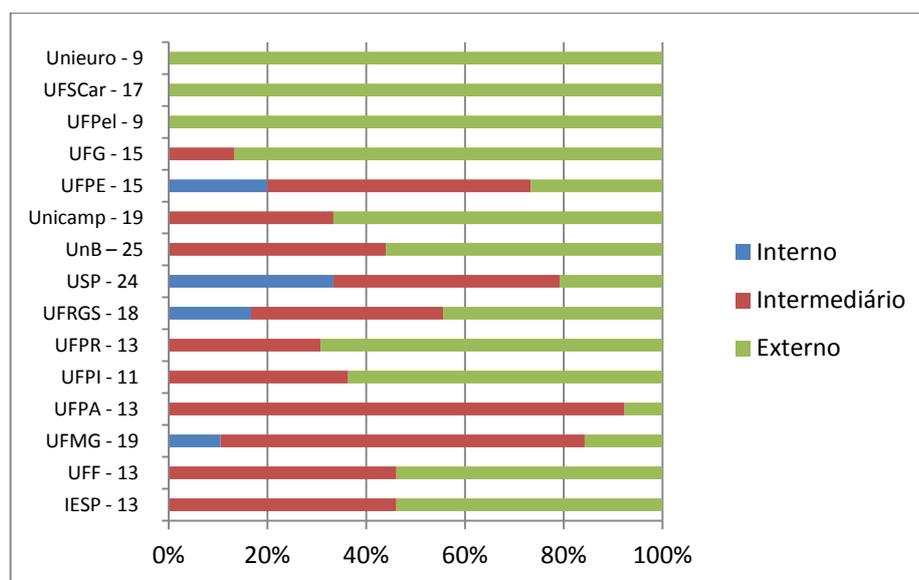
O mesmo fenômeno se repete no doutorado dado que a frequência de casos em que o doutorado ocorre em disciplinas afins também é significativo. Outro fator que contribui para maior heterogeneidade na formação dos docentes é a significativa frequência de docentes com doutorado pleno no exterior. Nada menos que um em cada quatro docentes realizou doutorado pleno fora. Tal achado converge com a expansão recente da oferta de cursos de doutorado no Brasil. Mesmo tendo em vista que parcela importante dos docentes que realizaram doutorado nas universidades brasileiras o fez em cursos de sociologia, ciências sociais, história, direito, etc. os programas de doutorado mais antigos (USP e Iesp) destacam-se claramente dos demais dado que até meados da década de noventa, se

constituíam nas únicas universidades brasileiras a ofertar tal titulação em ciência política. Respectivamente, 38 e 30 docentes obtiveram nestas duas instituições seus títulos de doutor em ciência política.

O grupo composto pelas três universidades mais acionadas (USP, Unicamp e Iesp) formou praticamente a metade dos doutores aqui analisados. Não é surpresa que a formação se concentre no eixo Rio/São Paulo, mas é digno de nota o grau identificado de concentração. Além deste aspecto, a distância para o segundo grupo de instituições, composto por UFRGS, UFMG (dois dos programas mais antigos do país) e UnB também é muito significativa.

Partindo deste mapa geral, o objetivo agora será o de identificar como este universo de mestres e doutores se distribui nos diferentes programas. Busca-se aqui examinar o padrão de recrutamento dos diferentes programas a partir do exame do grau de endogenia dos mesmos. Assim, na figura abaixo, pode-se examinar a distribuição dos docentes de cada programa em três grupos: 1) os que fizeram graduação, mestrado e doutorado na mesma instituição a que se encontra vinculado (recrutamento interno); 2) docentes que obtiveram ao menos uma das três formações aqui examinadas na instituição a que se encontra vinculado e 3) docentes que não realizaram nenhuma etapa da sua formação acadêmica na instituição em questão (recrutamento externo).

Gráfico 1 – Padrão de recrutamento, por programa



Ao contrário da tabela um, no gráfico acima e na tabela dois, não basta que a titulação na pós-graduação tenha sido realizada na mesma universidade a que o docente está filiado para que tal titulação conte como endógena. Para além da universidade, é preciso que tal

titulação tenha sido obtida especificamente no programa de ciência política da universidade. Desta forma, os casos de titulação em PPGs de sociologia, ciências sociais, etc. não serão computados como recrutamento endógeno. Tal procedimento tem como vantagem ter um quadro mais claro dos casos efetivamente concretos de endogenia e como desvantagem desconsiderar como endógenos casos que poderiam ser considerados enquanto tal, como, por exemplo, casos de docentes titulados em programas de ciências sociais que serão no futuro a base da formação dos novos programas de ciência política (Unicamp, UFPR e UFSCar, por exemplo). Como a ciência política é muito residual no nível da graduação, para esta titulação o ponto de corte utilizado foi o da universidade, dado que a manutenção do procedimento exposto acima praticamente inviabilizaria casos de recrutamento interno.

A análise da figura acima deixa patente o fato de que o caráter central ou periférico do programa não determina o padrão de recrutamento do mesmo. Dentre os programas centrais, Unicamp e Iesp² se caracterizam por possuir contingentes significativos de docentes sem qualquer formação em seus quadros, enquanto que USP e UFMG, por exemplo, apresentam um alto grau de endogenia e situam-se entre os programas com menor percentual de docentes externos à instituição. O mesmo quadro geral, com algumas variações, foi identificado por Marengo (2014).

Assim como Unicamp e Iesp, vários programas de formação mais recente também se caracterizam por um recrutamento significativamente mais aberto: Unieuro, UFSCar, UFPel e UFG. O que não causa surpresa dado que a inexistência e/ou a recente fundação de cursos de doutorado explica a inviabilidade de recrutamento interno. É possível que no futuro, a formação de doutores nestes PPGs possibilite o ingresso em seus quadros de docentes com formação endógena, mas somente análises futuras poderão testar esta possibilidade. Por fim, dentre os programas de formação mais recente, UFPA caracteriza-se, assim como USP e UFMG, pela quase ausência de docentes externos à instituição.

Somente desmembrando os dados por titulação é que é possível identificar as dinâmicas que levam programas centrais como Unicamp e Iesp de um lado e USP e UFMG, de outro, terem padrões tão diferentes. A tabela a seguir permitirá identificar as diferentes rotas a partir das quais cada programa se configura como mais aberto ou fechado. Em alguns casos, perfis semelhantes encobrem dinâmicas de recrutamento significativamente diferentes. A tabela dois discrimina o número de docentes de cada PPG formado na própria instituição nos três níveis de formação: graduação, mestrado e doutorado.

² Por não possuir graduação, por definição o Iuperj não apresenta casos de endogenia. Se considerarmos somente mestrado e doutorado, o atual Iesp teria dois casos de endogenia.

Tabela 2 – Grau de endogenia dos PPGs

PPG	Graduação	Mestrado	Doutorado
Iesp - 13	-	3 (23,1)	5 (38,4)
UFF - 13	6 (46,1)	-	-
UFMG - 19	11 (57,8)	9 (47,3)	6 (31,5)
UFPA - 13	12 (92,3)	-	-
UFPI - 11	4 (36,3)	-	-
UFPR - 13	4 (30,7)	1 (7,7)	-
UFRGS - 18	10 (55,5)	9 (50)	5 (27,7)
USP - 24	14 (58,3)	9 (37,5)	15 (62,5)
UnB - 25	10 (40)	5 (20)	-
Unicamp - 19	4 (21)	5 (26,3)	1 (5,2)
UFPE - 15	9 (60)	6 (40)	4 (26,6)
UFG - 15	2 (13,3)	-	-
UFPEl - 9	-	-	-
UFSCar - 17	-	4 (23,5)	-
Unieuro - 9	-	-	-

Fonte: elaboração própria

Por definição, só podem apresentar recrutamento endógeno os programas que contam com cursos de doutorado específico em ciência política. Portanto, não causa surpresa que os programas com maior frequência destes casos sejam os com doutorados mais antigos: USP, Iesp, UFMG e UFRGS. Destaca-se aqui também o percentual de docentes com doutorado na UFPE. Dentre os programas com formação mais recente, a informação mais significativa constitui-se na baixa frequência de casos de docentes com pelo menos a graduação na própria instituição. E é aqui que se destaca o recrutamento da UFF e principalmente da UFPA, dado que 12 dos 13 docentes deste programa fizeram a graduação na universidade e saíram para realizar mestrado e doutorado fora (oito dos quais fizeram doutorado no IUPERJ/Iesp). Tal não é o caso em outros programas recentes, como UFPI, UFPEl, UFG, Unieuro, etc.

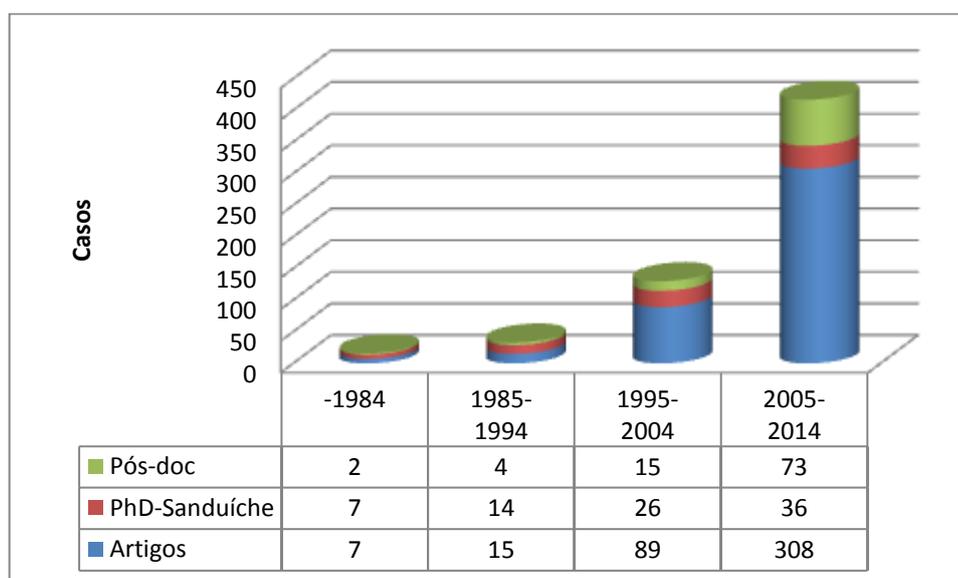
Por fim, destaca-se que apesar de possuírem padrões diferentes de recrutamento, tanto USP quanto Iesp se caracterizam pela quase inexistência de doutores formados em outras instituições brasileiras (3 casos na USP e apenas 1 caso no Iesp). A diferença, como visto anteriormente, está no fato de que enquanto USP recruta percentual alto de doutores da casa, o Iesp se caracteriza por um alto número de doutores formados no exterior (7 casos).

3. Internacionalização da formação e da produção dos docentes dos PPGs em ciência política

O exame dos dados acerca da internacionalização será realizado em duas etapas. Na primeira, busco dar continuidade à análise realizada por Madeira e Marengo (2016), examinando as experiências de internacionalização dos docentes ao longo de todas as suas respectivas trajetórias acadêmicas. Desta forma, mesmo experiências ocorridas antes do ingresso do docente ao seu respectivo PPG serão levadas em consideração nesta primeira análise, permitindo mensurar o acúmulo dos investimentos em internacionalização realizados pelos atuais docentes ao longo do tempo. Em um segundo momento, os dados serão discriminados por triênio e por PPG, o que permitirá identificar como as estratégias bem sucedidas de internacionalização se distribuem ao longo da última década (nos diferentes triênios utilizados pela Capes na avaliação dos PPGs brasileiros) e entre os diferentes programas aqui investigados.

É importante alertar o leitor para o fato de que os dados apresentados refletem o acúmulo de experiências de internacionalização dos docentes vinculados aos programas no ano de 2015. Como esta pesquisa centraliza a investigação nas trajetórias acadêmicas dos docentes atualmente (2015) vinculados aos programas, todas as experiências de internacionalização na formação e da produção dos docentes que atuaram nos PPGs aqui examinados, mas que já estavam desligados dos mesmos no início de 2015 não foram incluídas no banco de dados.

Gráfico 2 – Internacionalização (artigos e formação) por década



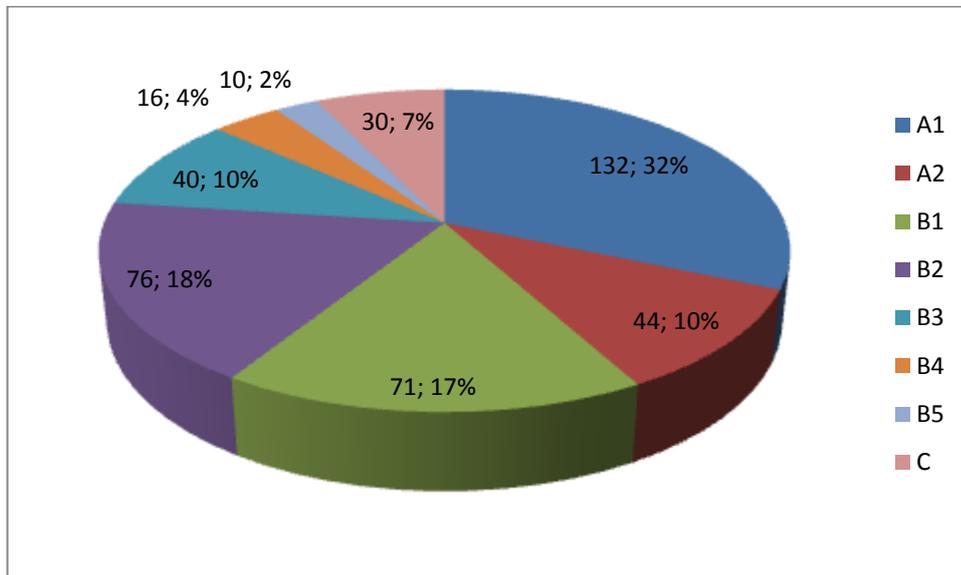
Os dados apresentados acima corroboram o cenário já identificado e debatido pela literatura recente no que tange ao crescimento significativo de vários indicadores relativos à disciplina na última década. Como salientado em análise anterior:

Indicadores desse processo são encontrados na literatura recente sobre o tema. Marengo (2015), por exemplo, apresenta a contínua evolução do orçamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), principal órgão de fomento à pós-graduação do governo brasileiro, que passa de 0,22 bilhão de dólares em 2004 para 2,03 em 2013. Já Nicolau e Oliveira (2013) identificam um aumento contínuo do número de artigos publicados anualmente pelos cientistas políticos brasileiros. Amorim Neto e Santos (2015), por sua vez, apontam o aumento dos programas de pós-graduação entre 2005 e 2014 e a expansão da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) como processos necessários (embora não suficientes) para uma maior institucionalização da disciplina no país. Resumindo esse ponto, já se encontram mapeados pela literatura avanços significativos nas dimensões que Codato e Leite (2013) apontam como necessárias para a institucionalização da disciplina, com o aumento: 1) da quantidade de programas; 2) da quantidade de mestres e doutores formados; 3) da quantidade de periódicos especializados; 4) da criação de organizações de representação acadêmica e eventos. (Madeira e Marengo, 2016, p. 47-48).

Para além de haver crescimento, destaca-se aqui o ritmo acelerado do mesmo em todas as estratégias de internacionalização examinadas, com destaque para pós-doutorado e artigos no exterior, que mais que triplicaram a cada decênio, nas últimas três décadas. Cabe também destacar que ao se desmembrar dados de PhD e de sanduíche é possível identificar o *timing* da substituição de uma modalidade pela outra. Até 1984, todos os sete docentes haviam feito doutorado pleno no exterior. Tal padrão se repete nos dois decênios seguintes, dado que apenas uma minoria de docentes (1/14 e 6/26) realizou sanduíche no exterior. Este padrão se inverterá somente no último decênio, quando se identificam 26 casos de sanduíche e 10 casos de doutorado pleno no exterior. Se ao invés de levar em consideração apenas os docentes com carreiras ativas em 2015, se incluísse no banco de dados os docentes já desligados dos programas, é razoável supor que o predomínio do doutorado pleno no exterior seria ainda maior.

No que tange à publicação em periódicos estrangeiros, Madeira e Marengo (2016) priorizam o mapeamento do destino (país) dos artigos, da distribuição dos artigos no universo de 233 docentes analisados e do *timing* dos mesmos ao longo do tempo. Com o intuito de complementar esta análise, busco agora mapear e analisar outros dois aspectos desta mesma produção: a classificação desta produção de acordo com o Qualis-Capes da área e a distribuição destes artigos a partir do vínculo institucional de seus respectivos autores.

Gráfico 3 – Qualis dos artigos



O gráfico três apresenta os dados tanto em valores absolutos quanto em percentual. Foram incluídos nesta análise todos os artigos publicados no exterior pelos 233 docentes analisados em periódicos que possuíam classificação no Qualis-Capes CP e RI no ano de 2015. É importante alertar o leitor para o fato de que se utiliza a classificação de 2015 para classificar mesmo os artigos publicados anteriormente. Este procedimento foi adotado dada a impossibilidade de se encontrar para cada artigo publicado a nota da sua respectiva revista no momento da publicação. O caráter recente da formatação atual da classificação de periódicos também se constitui em barreira para tal procedimento. Devido a estes fatores, avalia-se que o procedimento adotado constitui-se em uma *proxy* satisfatória para mensurar a reputação dos periódicos estrangeiros que publicaram os artigos aqui investigados.

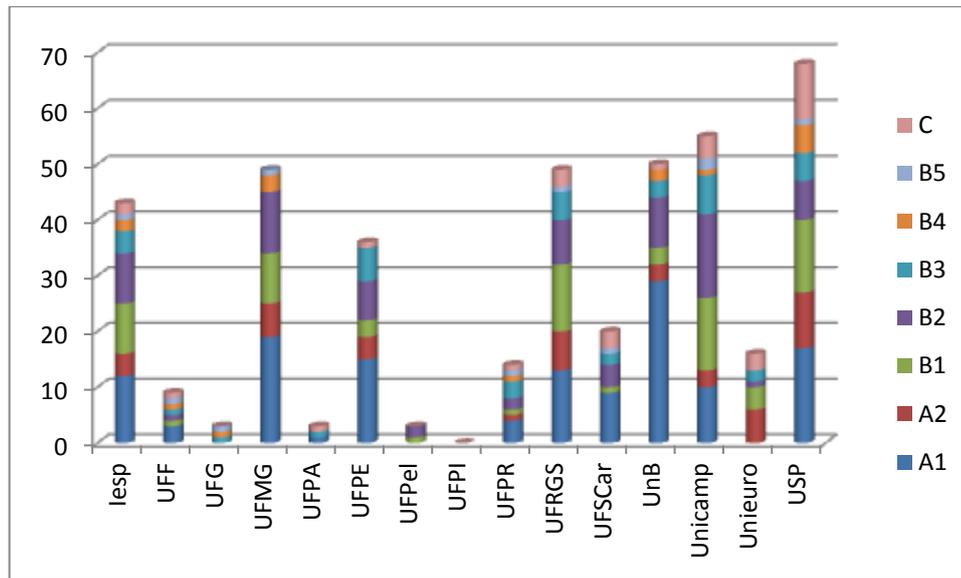
A distribuição dos artigos evidencia uma concentração significativa da produção nos três primeiros dos oito estratos existentes. Os três estratos superiores contêm 60% da produção internacional, o que significa que seis em cada dez artigos foram publicados nos periódicos estrangeiros mais prestigiados pela disciplina no Brasil. É importante ressaltar também que o estrato mais valorizado é também o mais acionado individualmente dentre os artigos em questão. O estrato A1 corresponde sozinho a um terço do universo investigado e possui frequência duas vezes maior que as categorias a seguir: B2 e B1. Ao se acrescentar o estrato B2 aos três primeiros, identifica-se que praticamente 80% da produção se

concentram nos periódicos melhor classificados. Tal desempenho demonstra qualidade da produção significativamente confortável ao se sobrepor estes dados a regra geral de dimensionamento de cada categoria ($A1+A2=25\%$ e $A1+A2=B1=50\%$) (Marenco, 2014).

A partir desse mapa geral, busca-se agora identificar como essa produção se distribui em dois aspectos: nos diferentes programas aos quais os docentes são filiados e ao longo do tempo. Faz sentido afirmar que quanto mais antigo for um programa, maior o espaço para o desenvolvimento de carreiras acadêmicas. Programas compostos por docentes detentores de carreiras longevas teriam maior probabilidade de acúmulo de produção em geral e, conseqüentemente, de artigos publicados no exterior. E a análise do conjunto dos artigos internacionais permitirá identificar algo que poderíamos denominar como o acúmulo de inserção internacional de cada PPG.

É também plausível supor que programas fundados recentemente só terão produção significativa ao se considerar na análise a (eventual) produção anterior ao ingresso no PPG ao qual o mesmo está vinculado em 2015. Com relação a este ponto, se um programa recém fundado recebe ingresso de docente com ampla internacionalização, tal acúmulo passa a ser um “ativo” do programa e por isto merece ser mapeado. A distribuição da internacionalização por PPG e ao longo do tempo visa, portanto, a responder as seguintes questões: Docentes filiados aos programas mais antigos e centrais da disciplina tendem a possuir maior número de artigos publicados no estrangeiro? Tendem a concentrar a produção melhor avaliada através do Qualis-Capes da área? O grande contingente de docentes que ingressaram nos novos (e também nos mais antigos) programas possuíam estoque prévio de inserção internacional ao ingressar nos PPGs? É possível identificar já nesse tempo relativamente curto de filiação aos seus respectivos programas algum grau de internacionalização? Estas são algumas das questões que nortearam a continuidade da presente análise.

Gráfico 4 – Qualis dos artigos, por PPG



Ao se examinar em seu conjunto o estoque de artigos publicados no exterior pelos docentes vinculados aos seus respectivos programas, identificam-se pelo menos cinco grupos de programas. A USP se destaca por possuir produção significativamente maior que as dos demais programas (quase 70 artigos). O segundo grupo, composto por Unicamp, UnB, UFRGS e UFMG, possui uma produção que gira ao redor de 50 artigos. O terceiro grupo é composto por Iesp e UFPE, com em torno de 40 artigos publicados. Dentre os programas com formação mais recente, podem-se identificar os dois grupos restantes: UFSCar, Unieuro, UFPR e UFF com produção variando entre uma e duas dezenas de artigos e os programas com produção internacional ainda incipiente: UFG, UFPA, UFPel e UFPI.

Duas ressalvas são fundamentais na leitura da figura acima: 1) os dados não podem ser lidos como a produção total dos programas. A produção dos docentes que atuaram nas décadas de oitenta, noventa e nos anos 2000 e se desligaram dos seus respectivos programas antes de 2015 não está contemplada na figura acima, o que tende a subestimar a produção dos programas mais longevos; 2) como dados contemplam todos os artigos internacionais publicados por cada docente, é plausível supor que uma parcela (minoritária, como se verá a seguir) dos artigos tenha sido publicada antes da filiação do docente ao PPG atual, o que tende a superestimar a produção dos programas que incorporaram até 2015 docentes com produção já internacionalizada. Outro aspecto relevante para o qual o leitor deve ser alertado é que como o objetivo aqui é mensurar o estoque e/ou acúmulo de produção internacional dos programas, sempre que um artigo for publicado em coautoria, o mesmo acaba sendo computado na análise de acordo com o número de coautores filiados ao PPG, ao mesmo tempo que se um artigo é publicado em coautoria entre docentes de

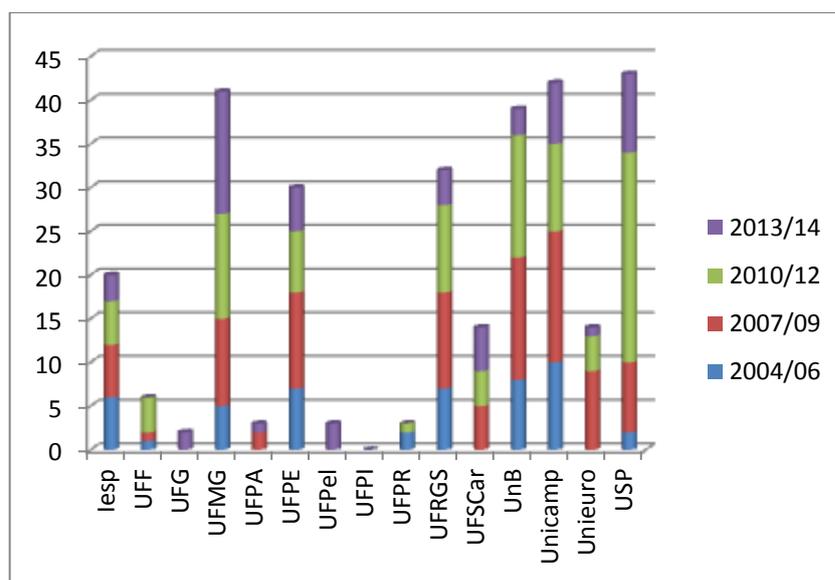
programas diferentes, o mesmo conta uma vez para cada PPG. Desta forma artigos publicados em coautoria podem sobre-estimar os dados apresentados acima.

Um achado relevante constitui-se na constatação de que praticamente todos os programas com produção internacional possuem produção qualificada (A1, A2 e B1). A hipótese de que programas mais centrais concentrariam de forma desproporcional a produção nos periódicos de maior prestígio na disciplina não foi confirmada. Mesmo programas ainda com pequena produção internacional demonstram uma inserção também via periódicos mais prestigiados. Pode-se constatar, por fim, que os perfis de publicação dos programas com inserção internacional não difere significativamente da média geral da distribuição dos artigos nos estratos, identificada na figura correspondente.

O procedimento agora é o de organizar a produção internacional dos programas por triênio. Até aqui, a inserção internacional que se deu mesmo antes do ingresso do docente ao seu programa atual foi considerada na análise dado que um dos objetivos era o de mensurar o acúmulo, ou estoque de experiências bem sucedidas de internacionalização. Para tanto, apesar de terem eventualmente ocorrido antes do ingresso no PPG, tais experiências foram consideradas como espécie de “patrimônio” ou “ativo” dos programas, uma vez que tais docentes levam consigo este capital de relações e vínculos com editores de periódicos internacionais, bem como de redes de pesquisa para dentro dos seus respectivos programas.

O objetivo agora é o de estratificar por programa apenas a produção publicada na última década. Assim, retira-se da análise toda a produção publicada até o ano de 2003. Tal fato provoca uma diminuição na produção total identificada anteriormente nos programas mais longevos uma vez que são estes que possuem produção anterior ao período aqui tomado como referência. Além deste aspecto, toda a produção publicada antes do triênio de ingresso do docente ao programa também foi desconsiderada, o que diminui o número de artigos publicados no exterior em quase todos os PPGs.

Gráfico 5 – Artigos internacionais por PPG (por triênio)



A estabilidade na ordem da sequência dos programas com maior, para os programas com menor produção é um primeiro aspecto que salta aos olhos. A principal diferença se encontra no fato de que USP e o segundo grupo da figura anterior (Unicamp, UFMG, UnB, UFRGS e acrescentaria também a UFPE) encontram-se aqui na mesma proporção, com produção girando em torno de trinta a quarenta artigos na última década. O segundo grupo, com produção variando entre 20 e dez artigos é composto por Iesp, UFSCar e Unieuro. Por fim, UFF, UFPR, UFPeI, UFG, UFPA e UFPI possuem entre zero e cinco artigos publicados pelos seus atuais docentes desde o triênio de sua filiação institucional atual. Optou-se por considerar a produção dos docentes vinculados a programas de ciências sociais, que posteriormente se desmembraram para criar um programa específico de ciência política. Por isto a produção publicada nos respectivos triênios³ pelos docentes que posteriormente se desligaram de programas de ciências sociais e de sociologia e política para se filiar a programas específicos de ciência política foi considerada.

O gráfico acima permite identificar o peso de cada programa na publicação em periódicos internacionais da disciplina como um todo nos diferentes triênios. Unicamp, UnB e em menor medida, UFRGS e UFPE apresentam uma produção significativa no segundo e terceiro triênios avaliados para após apresentarem uma desaceleração nos dois últimos anos examinados. A Unieuro apresenta um desempenho significativo no segundo triênio, para depois diminuir significativamente sua participação nos artigos publicados em

³ É importante ter em mente que a produção publicada em 2015 ainda não foi computada no banco de dados. Assim, temos aqui a comparação da produção em três triênios e em um biênio (2013-2014). Como a avaliação da pós-graduação brasileira passará a ser quadriênio e o primeiro quadriênio já está em marcha, pretende-se atualizar o banco de dados em 2017 para sintonizar a análise da produção com a avaliação realizada pela Capes.

periódicos internacionais. USP e UFMG, por sua vez, apresentarem produção contínua e se destacam como os programas com maior produção internacional nos últimos cinco anos analisados. Por fim, UFSCar e IUPERJ/LESP apresentam significativa regularidade ao longo da última década: o primeiro com tendência a aumento da produção e o segundo com os índices mais estáveis de publicação internacional dentre os programas analisados.

A pesquisa identificou também que estes dados tomados por programa encobrem dinâmicas de produção significativamente diferenciadas entre os mesmos. Dados revelam que há, pelo menos, dois aspectos que devem ser examinados quanto à forma como são produzidos os artigos publicados internacionalmente (lógicas estas que podem e devem ser empregadas também na análise da produção nacional): o grau de concentração da produção e a frequência de trabalhos escritos em coautoria. Com relação ao segundo fator, para além de trabalhos escritos por apenas um docente, partiu-se da perspectiva de encontrar trabalhos escritos com: 1) colegas de programa; 2) colegas de outros programas nacionais e; 3) colegas de universidades de fora do país.

É possível identificar em todos os programas a existência de um pesquisador que claramente impulsiona a publicação do seu respectivo programa em todas as universidades com produção internacional significativa. Em todos estes programas, identifica-se ao menos um pesquisador com produção internacional consolidada (mais de dez artigos publicados em periódicos internacionais): ILESP, UFMG, UFPE, UFRGS, UNB, UNICAMP, UNIEURO e USP (dois pesquisadores). A diferença entre os programas aparece no grau de participação dos demais pesquisadores: enquanto Unieuro se caracteriza por uma concentração quase absoluta em um pesquisador, programas como UFMG apresentam uma produção significativamente mais distribuída no seu quadro docente.

Com relação à autoria dos artigos, identificou-se a baixa incidência de artigos em coautoria. Quando ocorre, a coautoria apresenta um padrão majoritariamente “caseiro” dada a baixa frequência de colaboração seja com outros programas nacionais, seja com pesquisadores filiados a universidades de fora. Tal dado atesta fenômeno atribuído como uma das causas seja do paroquialismo, seja da ainda baixa visibilidade internacional da produção brasileira (Marengo, 2014 e Amorim Neto e Santos, 2015). Talvez a exceção aqui seja a produção da UFPE, dada a frequência de artigos em coautoria com pesquisadores internos e externos ao programa.

Por fim, cabe destacar que o número de docentes vinculados a cada programa afeta a capacidade do mesmo. Para além de existirem a mais tempo, programas centrais tendem a ser os programas com maior número de docentes vinculados, o que confere a estes programas uma vantagem adicional em relação aos programas recém-fundados. Chama a

atenção, contudo, que mesmo programas centrais também possuem ainda contingentes significativos de docentes sem produção internacional. Se isto se deve ao ingresso recente de conjunto significativo de docentes em início de carreira (e que, portanto, necessitariam de tempo para internacionalizar sua produção) nos diferentes PPGs, ou a uma decisão de priorizar a publicação em periódicos nacionais, somente a análise caso a caso poderia esclarecer. O que pode-se atestar aqui é que tal contingente de docentes permite vislumbrar a possibilidade de avanços na produção internacional ainda mais significativo em um futuro próximo.

4. Considerações finais

No que tange à formação dos docentes vinculados aos programas de ciência política no Brasil, a análise corrobora diagnóstico de que a oferta de tempo para que os programas de doutorado fundados a partir da década de 2000 possam ofertar maior número de pretendentes a eventuais futuras vagas a serem preenchidas pelos PPGs. Ainda hoje se mantém padrão que divide doutores em ciência política basicamente em quatro grupos: provenientes de USP, Uperj/lesp e UFRGS e de universidades estrangeiras. Além destes quatro grupos, não se deve esquecer o grupo dos docentes com doutorado em ciências sociais e áreas afins. A endogenia não identifica uma distinção clara entre programas mais consolidados e programas de formação mais recente. Mas nos permite interpretar os diferentes contextos a partir dos quais programas situados em regiões distintas, com graus de consolidação distintos possam ter configurações semelhantes entre si e significativamente distintas daqueles programas com perfil mais próximo ao seu.

Com relação à publicação de artigos internacionais, é consenso nas análises recentes acerca da configuração atual da ciência política brasileira que a baixa visibilidade internacional da produção dos cientistas políticos brasileiros se constitui em um dos principais, senão o principal, obstáculos a ser ultrapassado rumo a uma maior institucionalização da disciplina Marengo (2014) e Amorim Neto e Santos (2015). Os dados aqui apresentados permitem vislumbrar no agregado alguns movimentos promissores rumo à superação desta barreira. Em primeiro lugar destaca-se o vertiginoso crescimento da produção internacional na disciplina nos períodos 2010/2012 e 2013/2014. Além do aumento quantitativo, o fato de percentual significativo de esta produção estar publicado em revistas bem conceituadas na área evidencia que tal aumento quantitativo vem acompanhado de um

padrão de qualidade e rigor acadêmicos dignos de nota e que perpassa programas consolidados e programas recém-formados.

5. Referências bibliográficas

AMORIM NETO, Octavio & SANTOS, Fabiano. (2005). "La ciencia política en el Brasil: el desafío de la expansión". *Revista de Ciencia Política*, v. 25, n. 1, p. 101-10.

_____ (2015). "La ciencia política en Brasil en la última década: la nacionalización y la lenta superación del parroquialismo". *Revista de Ciencia Política*, v. 35, n. 1, p. 19-31.

CODATO, Adriano & LEITE, Fernando (2013). "Autonomização e institucionalização da ciência política brasileira: o papel do sistema Qualis-Capes". *Revista de Discentes de Ciência Política da UFSCAR*, v. 1, n. 1, p. 1-21.

LEITE, Fernando. (2015). *O campo de produção da ciência política brasileira contemporânea: uma análise histórico-estrutural de seus princípios de divisão a partir de periódicos, áreas e abordagens*. Tese (doutorado) em sociologia. Curitiba, UFPR.

MADEIRA, Rafael e MARENCO, André. (2016). "Os desafios da internacionalização: mapeando dinâmicas e rotas da circulação internacional" *Revista Brasileira de Ciência Política*. Número 19, Brasília, janeiro – abril, pp. 47-74.

MARENCO, André (2014). "The three Achilles' heels of Brazilian political science". *Brazilian Political Science Review*, v. 8, n. 3, p. 3-38.

MARENCO, André (2015). "When institutions matter: Capes and political science in Brazil". *Revista de Ciencia Política*, v. 35, n. 1, p. 33-46.